

Taxas da Fipe e IGP-M sobem e comprovam repique dos índices

SÃO PAULO — A inflação voltou a subir, segundo o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), da Fipe. A variação dos preços, de 8 de outubro a 7 de novembro (primeira quadrissemana de novembro), foi de 3,42%, contra 3,17% do fechamento de outubro. O Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) também subiu. A primeira prévia de novembro, que apurou a taxa entre 21 e 31 de outubro, ficou em 2,27%. No mesmo período de mês passado, o índice, calculado pela Fundação Getúlio Vargas, havia chegado a 1,06%.

O aumento do índice da Fipe já era esperado e continua refletindo reajustes localizados, principalmente, nos grupos de alimentação (6,78%) e habitação (3,97%), que juntos são responsáveis por 3,08 pontos percentuais na formação do índice geral. Somente os itens carne e aluguel causaram inflação de 1,5% nesta primeira quadrissemana de novembro.

Vestuário e serviços explicam o

restante da variação. As roupas da coleção primavera/verão puxaram o resultado do grupo vestuário, que passou de -0,54% no fechamento de outubro, para 1,06%. A tendência é de que a alta continue. O aumento de serviços deve-se às refeições fora de casa, uma consequência da subida dos alimentos. Os técnicos esperam que a estabilidade dos preços da carne e feijão, que começam a ser sentidos, compensem a variação do grupo de vestuário. Baseado nisso, Juarez Rizzieri, coordenador do IPC, estima que a inflação de novembro gire em torno de 3%, pouco abaixo do resultado de outubro.

O IPC já começou também a captar o fim dos descontos da indústria para o varejo, e que estão sendo repassados aos consumidores. Segundo Rizzieri, esse é um comportamento "inquietante". "O efeito do aumento das vendas começa a se tornar genérico", disse. Por causa disso, Rizzieri não arrisca uma previsão para a inflação de dezembro e consi-

dera que o patamar atual é alto demais para se pensar no fim do IPC-r. Na sua avaliação, o indexador dos salários não deveria ter sido criado mas agora, não há condições imediatas para que seja extinto. "O IPC-r somente poderia deixar de existir se a inflação mensal estivesse em torno de 1% ao mês", afirmou.

Para o consultor da Brasilpar, Roberto Teixeira da Costa, a alta do resultado do IPC da Fipe continua refletindo problemas sazonais e não é preocupante. "As pressões na indústria ainda são equilibradas e não há motivos para desespero", afirmou.

Quanto ao IGP-M, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que tem peso de 30% no índice e é pesquisado apenas no Rio e São Paulo, subiu 2,75% por causa dos aumentos nos grupos vestuário (5,95%) e alimentação (4,18%). O Índice de Preços no Atacado (IPA), responsável por 60% do total, teve alta de 2,30%. Os bens de consumo (+3,32%) puxaram o índice. Finalmente, a construção civil teve alta de 0,67%.